

HEURÍSTICA DO MEDO COMO ANTÍTESE DO PROCESSO DIALÉTICO HEGELIANO

HEURISTIC OF FEAR AS ANTITHESIS OF THE HEGELIAN DIALECTICAL PROCESS

Marciel Zucoloto Pizetta¹

Profº Msc. Canício Scherer²

RESUMO: O presente artigo aborda a relação entre a heurística do medo de Hans Jonas e a dialética hegeliana, de modo a observar o medo como agente transformador do comportamento ético. Para tal, objetivou-se demonstrar o medo, como antítese do processo dialético hegeliano que, em oposição à tese, poderá provocar uma mudança e gerar uma nova síntese ética. Utilizou-se uma metodologia baseada em revisão bibliográfica de obras de Hans Jonas e Hegel, com destaque para a análise interpretativa dos conceitos apresentados por ambos os filósofos. Com isso, pode-se observar que o medo, ao adiantar os riscos futuros, leva o homem à reflexão crítica e à tomada de consciência, promovendo uma ação cautelosa e responsável. Desse modo, conclui-se que o medo não deve ser observado apenas como um sentimento paralisante, mas, de acordo com Hans Jonas, um elemento impulsionador que transforma o pensamento e orienta a ação humana rumo a um comportamento ético, sustentável e responsável, alinhando-se, assim, ao movimento dialético que visa à superação e à síntese de novos valores éticos.

Palavras-chave: Heurística do Medo; Dialética Hegeliana; Antítese; Temor; Responsabilidade.

ABSTRACT: The present article addresses the relationship between Hans Jonas's heuristic of fear and the Hegelian dialectic, aiming to observe fear as a transformative agent of ethical behavior. To this end, the objective was to demonstrate fear as the antithesis of the Hegelian dialectical process, which, in opposition to the thesis, may provoke change and generate a new ethical synthesis. A methodology based on a bibliographic review of works by Hans Jonas and Hegel was used, emphasizing the interpretative analysis of the concepts presented by both philosophers. It can be observed that fear, by anticipating future risks, leads humans to critical reflection and awareness, promoting cautious and responsible action. Thus, it is concluded that fear should not be seen merely as a paralyzing feeling but, according to Hans Jonas, as a driving element that transforms thought and guides the human action toward ethical, sustainable, and responsible behavior, aligning itself with the dialectical movement aimed at overcoming and synthesizing new ethical values.

Keywords: Heuristic of Fear; Hegelian Dialectic; Antithesis; Fear; Responsibility.

¹ Centro Universitário Salesiano – UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: mzp26@yahoo.com.br

² Centro Universitário Salesiano – UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: cscherer@salesiano.br

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, situações variadas compelem o homem a tomar decisões motivadas frequentemente pelo medo. Tal sentimento limita as ações espontâneas e faz com que sejam executadas de modo cauteloso e assertivo, reduzindo os riscos futuros que tal ação poderia causar. Entretanto, torna-se válido destacar que ações não fundamentadas em vulnerabilidades futuras podem ensejar grandes ameaças aos seres humanos, como foi possível observar, por exemplo, nos desastres ambientais ocorridos em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambos em Minas Gerais, decorrentes de falhas em procedimentos minerários; no colapso climático proveniente do aquecimento global, como as grandes cheias ocorridas no em 2024, nos Estados do Espírito Santo e do Rio Grande do Sul, no Brasil, além de outros acontecimentos em várias partes do mundo.

Acresce que, de acordo com Jonas (2006), o modelo ético utilizado pela sociedade se concentra primordialmente no momento atual, negligenciando a compreensão dos impactos futuros em consequência das ações humanas. Segundo o filósofo, as ações do homem não levam em conta a existência das gerações futuras, conduzindo-o a desenvolver em sua pesquisa a necessidade da elaboração de um novo imperativo categórico que contemple tal questão, conforme segue: “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica” (Jonas, 2006, p. 18). Assim, Jonas apresenta a heurística do medo como mecanismo na construção ativa de um futuro que leva em conta as atitudes humanas e suas respectivas consequências. Segundo essa linha de raciocínio, o filósofo afirma que somente por meio do medo é que o homem se torna capaz de antecipar o futuro e manifestar a preocupação com o destino do planeta (Jonas, 2006).

Outrossim, considera-se que o medo apresentado por Jonas implica um sentimento que auxilia na tomada de consciência sobre uma determinada ação diante de uma realidade, ou seja, um sentimento concebido como a negação de uma atitude, pois remete ao pensamento uma possível situação de risco.

Desse modo, entende-se o medo, conforme definido pelo dicionário *on-line* de português (2023), como um “Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência”. Logo, o temor emerge como um dos responsáveis pela mudança do comportamento humano, promovendo a cautela e o cuidado voltados para o bem futuro.

Entretanto, ao considerar o medo como uma forma de negação, pode-se traçar um paralelo com o processo dialético de Hegel. Esse processo envolve a superação de uma ideia inicial por meio da negação e da síntese, resultando em uma mudança de comportamento. Tal mudança cria uma nova trajetória mais segura para a humanidade.

Nesse contexto, entende-se que Hegel, de acordo com Santos (2011), definia a dialética como um processo baseado no entendimento universal das coisas, tendo como ênfase o seu vir-a-ser, amparado não somente no desenvolvimento do conceito com início em si, mas também na relação entre diferentes.

A dialética, então, caracteriza-se por um movimento do ser, ao invés de sua estagnação diante de uma ação, sendo um processo que observa a realidade por meio de termos opostos que geram uma síntese conciliadora.

Dessa forma, apreende-se a dialética hegeliana como uma espiral, baseada em um processo dado por meio de três momentos, a tese, que é dada como a afirmação ou a positividade do fenômeno, a antítese, como a negação desta tese apresentada, e a síntese como uma nova tese que é, entretanto, uma tese suprassumida (Hegel, 1992). Assim, pretende-se entender como a dialética hegeliana pode enriquecer a compreensão da heurística do medo proposta por Jonas.

Assim sendo, depreende-se que é possível estabelecer um diálogo entre esses conceitos, de modo a facilitar a assimilação da heurística do medo como fator de transformação humana e não somente o medo como sentimento paralisante diante de uma situação desafiadora. Além disso, a junção desses conceitos promoverá o constante crescimento ético do homem, sustentado por um processo contínuo e espiralado. Esse movimento busca ações concretas para a preservação do meio ambiente e a garantia da vida futura, conforme aponta Jonas.

Por fim, tem-se como objetivo balizador dessa pesquisa compreender a função do medo como antítese no processo dialético de Hegel para a mudança de consciência ética. Para tal, propõe-se assimilar a definição de heurística de acordo com Hans Jonas. A partir disso, no segundo momento, busca-se interpretar a teoria da dialética discutida por Hegel na obra “Fenomenologia do Espírito”. Na sequência, será examinada a ligação entre os dois modelos apresentados, de modo que se perceba o movimento envolto na concepção estabelecida por Jonas. Por fim, avaliar a heurística do medo como fator dinâmico na mudança do comportamento humano frente aos desafios éticos, morais e ambientais.

2 A HEURÍSTICA DO MEDO E A DIALÉTICA HEGELIANA

2.1 HANS JONAS E A HEURÍSTICA DO MEDO

Hans Jonas nasceu em 10 de maio de 1903 em Mönchengladbach, na Alemanha, e faleceu em 05 de fevereiro de 1993. O filósofo ganha notoriedade por suas contribuições com relação à compreensão sobre gnose e posteriormente com seus trabalhos voltados à biologia. Entretanto, no final dos anos 60, o autor voltou suas pesquisas para as questões éticas decorrentes dos avanços tecnológicos, tendo sua principal obra “O Princípio e Responsabilidade”, publicada em 1979 (Mendes, 2010). Nesse ínterim, Hans Jonas apresenta nessa obra, uma nova ética pautada em um pensamento futuro que resguarda a espécie humana de sua extinção. Assim sendo,

A ética proposta por Jonas está baseada num sentimento de responsabilidade em longo prazo, e um chamamento à prudência, em curto prazo, no sentido de encarar a dupla face da técnica destes novos tempos e a ambiguidade de seus efeitos, levando em conta que a união entre a potência (poder-fazer) e agir e sua influência espacial – em relação às futuras gerações. Por isso o autor considera necessário romper contra um certo antropocentrismo como forma de fazer ressurgir a separação entre potência, poder e ação (Mendes, 2010, p. 30).

Com base nesse pensamento, Hans Jonas compreende que a ética está pautada apenas no “aqui e agora”, o que demonstra a necessidade de um novo modelo ético pensado para o cuidado responsável com o humano e com as coisas não humanas.

Consequentemente, o filósofo elabora uma crítica ao imperativo categórico Kantiano, “[...] age de modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre, ao mesmo tempo, como princípio de legislação universal [...]” (Reale; Antiseri, 1990, p. 912-913),

pois não abarca o cuidado e existência das futuras gerações. Ademais, aponta que a felicidade das gerações atuais ou seguintes possa ser gerida com a infelicidade ou até mesmo a inexistência das gerações pósteras (Jonas, 2006). Neste sentido, torna-se válido observar dois cenários apresentados pelo autor, sacrificar o futuro em função do presente e sacrificar o presente tendo em vista um futuro, no primeiro a vida humana pode não alcançar a continuidade na terra, e no segundo, busca-se a preservação da vida.

Dessa forma, Jonas, inspirado pelo pensamento kantiano, desenvolve seu próprio imperativo com base no cuidado com a geração atual e futura, bem como na preservação das condições ambientais do planeta.

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de tal modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos de tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou, simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”; ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (Jonas, 2006, p. 47-48). Dessa forma, depreende-se que o pensamento jonasiano se constitui em uma nova ética e perpassa por um caminho coletivo e comunitário, não sendo apenas um pensamento de uma atitude individual ou individualista. Ressalta-se que toda ação deve ser pensada em vista do futuro da humanidade, não apenas visando um benefício imediato e pessoal. Além disso, admite-se até mesmo renunciar à busca da felicidade no presente; no entanto, não se deve privar as gerações futuras de vivenciar ou experimentar essa felicidade.

Com base nisso, Susin (2017) demonstra a responsabilidade do homem de forma livre, apresentada por Jonas, sobre a possibilidade da preservação da natureza e da vida humana.

Na ética da responsabilidade ou o princípio responsabilidade, Jonas refere que o ser humano por ter conhecimento, vontade e liberdade, faz com que o mesmo seja responsável pelas suas ações presentes e pelas consequências das mesmas, possibilitando a preservação da biosfera e de toda a espécie de vida nela existente, inclusive a vida humana e, conseqüentemente, das gerações vindouras (Susin, 2017, p. 9).

Por fim, pode-se afirmar que a ética jonasiana, ou ética da responsabilidade, tem como principal objetivo o cuidado com a vida presente e futura, o que leva Hans Jonas a utilizar a heurística do medo como ferramenta para a tomada de consciência do homem, isto é, levar o homem à prudência na utilização das tecnologias, tendo em vista o direito — do homem e da natureza — a existir.

Conforme supramencionado, Jonas considera a heurística do medo como procedimento que leva o indivíduo à tomada de decisão de forma responsável e consciente, de modo a observar suas atitudes e refletir sobre as consequências. Nesse sentido, ele afirma que somente por meio do medo é que o homem torna-se capaz de projetar o futuro e se preocupar com o planeta (Jonas, 2006).

Assim sendo, é importante partir do conceito ou significado de heurística. Trata-se de uma palavra que deriva do grego *heuristike* que, de acordo com o Dicionário *on-line* de português (2024, 3º parágrafo) pode ser considerada como

Método educacional que busca ensinar o aluno autonomamente, para que ele descubra e aprenda tendo em conta a sua experiência, com os próprios erros e acertos, ou, hipótese que, numa pesquisa, leva a uma descoberta científica; método analítico para a descoberta de verdades científicas.

Além do mais, é significativo compreender também a origem do termo “medo”, derivado do latim *metus*. O vocábulo medo, de acordo com o Dicionário *on-line* de português (2023, 1º parágrafo), refere-se a um “Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência”.

Desse modo, considera-se o medo como um dos fundamentos da humanidade, de sua constituição e de sua preservação, responsável por regular o equilíbrio humano e agir como um indicador de perigo em situações de risco (Susin, 2017).

Seguindo essa linha de raciocínio, Cortella (2014, p. 67) leciona que foram colocados no homem dois mecanismos de defesa, a dor e o medo, sendo eles elementos básicos para que o ser humano fique em estado de alerta e de atenção. Isto é, a maior vulnerabilidade é supor-se invulnerável. Em virtude disso, o medo é algo inerente ao homem, sentimento balizador de suas ações, que garante ao ser a preservação de sua vida, sua felicidade, sua tranquilidade, por meio de atitudes corretas.

Vale ressaltar que ao longo da história, o medo foi, muitas vezes, causa dos mais diferentes comportamentos dos homens, determinando a forma de se relacionar com os outros, com o mundo, com o sagrado e até consigo mesmo. Desse modo, compreende-se que o medo é inerente às ações humanas, pois os homens foram culturalmente educados a temer o erro, a morte e o desconhecido, por exemplo (Battestin; Nogaro, 2017).

Destaca-se também que Thomas Hobbes, em seu livro “Leviatã”, aborda o termo “medo” ou “temor”, traduzindo-o como uma paixão que impulsiona o homem à paz. Assim, Hobbes (1988, p. 77) indica que “[...] as paixões que fazem o homem tender para a paz são o medo da morte, o desejo daquelas coisas que são necessárias para uma vida confortável [...]”. Com isso, Hobbes considera o medo como sendo o cerne da existência humana, a base da existência do homem e sua única fuga possível. Corroborando com o pensamento de Hobbes, afirma-se que o medo é o único meio viável de preservação da humanidade, sendo ao mesmo tempo, a única origem de sua sociedade (Calandrin, 2016).

Desse modo, o medo constitui um sentimento capaz de orientar o comportamento humano, quer haja ameaças imediatamente presentes, quer não. A isso, Bauman (2008) considera como segundo grau do medo³. E afirma que o temor está presente em todo ser dotado de vida, sendo compartilhado entre os homens e os animais.

Ressalta-se que esse estado emocional não deve ser considerado uma ameaça, a menos que ele se torne exagerado, obsessivo ou irracional, de modo que saia do ambiente da prontidão e caminhe para o território da doença (Cortella, 2014).

³ [...] uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado”, ou (como o chama Hughes Lagrange em seu fundamental estudo do medo) um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente (Bauman, 2008, p. 6).

Diante dessa perspectiva, pode-se observar que Hans Jonas não foi o criador nem o primeiro filósofo a desenvolver o conceito de heurística do medo, mas lança mão dele como forma de despertar homens e mulheres para a responsabilidade.

Ajustado ao exposto, compreende-se então a heurística do medo como

[...] uma das categorias mais centradas e importantes para apontar o risco e o perigo das ações diante do futuro da humanidade, uma vez que é a experiência com o temor ou o medo que nos leva, na maioria das vezes, a agir com responsabilidade [...] (Battestin; Nogaro, 2017, p. 206).

Além disso, afirmam os autores, que a atitude ética se funda no medo em vista de se evitar o pior, sendo, portanto, uma atitude consciente e voluntária.

Consequentemente, a heurística do medo é considerada uma ferramenta útil para lidar com o descompasso entre o poder de ação humana e o que pode ser previsto. Nesse sentido, “A categoria heurística do medo é a capacidade humana de solucionar problemas imprevistos, servindo como critério seguro para a avaliação dos perigos apresentados pela técnica” (Battestin; Ghiggi, 2010, p. 75). À vista disso, os autores argumentam que o medo constitui a base para a obrigação preliminar de uma ética responsável; ademais, é dele que deriva uma ética fundamental, orientada a evitar consequências mais graves.

Logo, trata-se de uma postura gerada frente aos desafios que a vida em sociedade impõe ao homem, lembrando-o sempre de que é apenas mais um entre os elementos da natureza e do cosmos, e não o centro ou seu proprietário. Essa postura é sábia, pois advém da experiência e é gestada pela necessidade de adaptação para sobreviver, o que implica em responsabilidades. Neste sentido, leciona Frogneux (2007, resumo):

Esse medo não deverá ser paralisante, mas mobilizador da ação e isso conduz a duas considerações. De um lado, permite definir o objeto de nossa responsabilidade compreendido como responsabilidade no que diz respeito ao vulnerável, uma vez que possibilita uma antecipação e, assim, identificar o objeto da responsabilidade centrado no futuro. E de outro lado, ele chega para mobilizar o sentimento de responsabilidade baseado na ação responsável.

Destaca-se ainda que, de acordo com Mendes (2010, p. 30), “para Jonas a responsabilidade moral parte tanto de uma constatação fática, a vulnerabilidade da natureza na era da técnica, quanto de um *a priori* kantiano de respeito à (todas as formas) vida.”

Nessa mesma linha de raciocínio, Jonas (2006) chama a atenção da sociedade para que os indivíduos ajam sempre com cautela em vista do risco que suas ações podem apresentar às futuras gerações. É oportuno ressaltar que, segundo Sève (2007, p. 1), devemos observar as nossas ações, mas principalmente o que nos é apresentado,

[...] pois, que, nesse âmbito, o pior perigo não é evidente, mas essencialmente imperceptível, uma vez que se disfarça de bom uso. Escreve Jonas: “É justamente o benefício da técnica que ameaça transformar-se em maldição, e isso quão mais for usado”. Por isso é tarefa urgente revelar o perigo contido no desenvolvimento técnico. É em tal contexto que surge a heurística do medo que assim funciona: se o progresso técnico usa como estandarte alguma definição de humanidade, é então que se descobre o real valor dela e a necessidade de preservá-la.

É justamente a partir dessa constatação que Jonas formula a ideia de heurística do medo para alertar a sociedade de uma possível catástrofe futura. O filósofo explica que na maior parte dos fatos há como plano de fundo de uma ação um risco mascarado de bom, isto é, em uma dada tecnologia, há um risco futuro para a humanidade. Nesse sentido, diante das diversas tecnologias surgentes, da

engenharia genética, de impactos socioambientais, compreende-se que a heurística do medo pode-se tornar uma importante ferramenta para a mudança do comportamento ético, tendo em vista um olhar cauteloso em vista da preservação da vida futura.

A vista disso, Battestin e Nogaro (2017, p. 206) lecionam que:

A experiência com a heurística do medo nos leva diretamente a ter uma responsabilidade de decisão, fazendo com que o agir passe a ser uma atitude ética, pois o medo assume um dever sobre as consequências assumidas pelas ações feitas pelo agir.

Diante dessa perspectiva, vale observar ainda que o medo pelo medo não leva o homem a assumir a sua responsabilidade, visto que ofuscando a percepção clara das coisas pode dificultar a reflexão para uma tomada de decisão efetivamente livre, autônoma e responsável, o que favorece uma acomodação e aceitação passiva dos acontecimentos, levando-o a direcionar a culpa de certos fatos a Deus, aos outros, ao destino. Em contrapartida, a heurística do medo realiza o sentido oposto, leva o homem a um embate com as suas atitudes, levando-o a uma mudança de atitude responsável.

Neste sentido, é apropriado ressaltar que, sendo o medo natural, mas ao mesmo tempo construído pela sociedade, fica claro que ele exerce uma função educativa e indutora de condutas. Por isso, entende-se ser o medo não uma causa, mas um processo passível de análise que possibilite compreender seu alcance e importância na organização da vida em sociedade.

Desse modo, depreende-se então a heurística do medo como um processo, um movimento, pelo qual determinada atitude deve ser refletida, e diante de tal reflexão, apresentado um contra-argumento de negação da ação, amparada pelo medo do que pode ocorrer futuramente, tendo em vista uma oposição ao que será executado, para que de forma responsável e segura, compreendendo as possíveis consequências possa se tomar uma decisão assertiva.

2.2 GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL E O PROCESSO DIALÉTICO

Compreender a trajetória de Georg Wilhelm Friedrich Hegel é essencial para uma análise profunda de seus conceitos filosóficos. Nascido em Stuttgart em 1770, vivendo 61 anos de intensa reflexão, tornou-se um grande pensador alemão, que teve como marco filosófico o idealismo alemão, com as suas principais obras, a “Fenomenologia do Espírito”, de 1807, e “Princípios da filosofia do direito”, datado de 1820. A importância de sua obra é evidenciada na intenção explícita de Hegel, como observa Meneses (2000), de organizar logicamente as figuras do sujeito e da consciência, que eventualmente enfrentam o mundo objetivo de forma inovadora e desafiadora.

Desse modo, Hegel busca como base da “Fenomenologia do Espírito” a construção de uma liberdade individual, que se realiza na relação entre o homem com outros agentes que possuem condições análogas com a sociedade e com o Estado (Spinieli, 2019). Para tal, o autor apresenta um caminho de oposições, que é realizado pela consciência, isto é,

Quando o espírito percorre as fases da ‘consciência’, tal oposição reaparece em cada uma delas como outras tantas figuras da consciência. A Fenomenologia é a ciência dessa caminhada; “ciência da experiência que faz a consciência”; que tem por objeto a substância com seu movimento. A consciência

se limita a conhecer o que está em sua experiência; ora, o que nela está é apenas a substância espiritual e ainda assim como 'objeto' de seu próprio 'si'. O espírito se torna objeto, porque é esse movimento de fazer-se *um outro para si mesmo* – um objeto de seu próprio si – e depois suprasumir este ser-outro. Experiência é, portanto, o movimento em que o imediato se aliena e desse estado de alienação retorna a si mesmo. Só assim, reintegrado como propriedade da consciência, o imediato acende à efetividade e à verdade (Meneses, 1985, p. 19).

Na Grécia antiga a Dialética era considerada como a arte do diálogo, e aos poucos foi se transformando na arte de, no diálogo, por meio de uma ponderação demonstrar uma tese, capaz de definir e distinguir de maneira clara os conceitos envolvidos nessa discussão (Konder, 1998).

Além disso, ao passar dos tempos foram elaborados diversos conceitos e significados diferentes. Desse modo, torna-se importante conhecer alguns dos conceitos de dialética, conforme apresentado por Abbagnano (2007, p. 269), onde o autor demonstra os diversos significados dentro do contexto histórico.

Esse termo, que deriva de diálogo, não foi empregado, na história da filosofia, com significado unívoco, que possa ser determinado e esclarecido uma vez por todas; recebeu significados diferentes, com diversas inter- relações, não sendo redutíveis uns aos outros ou a um significado comum. Todavia, é possível distinguir quatro significados fundamentais: 1 a D. como método da divisão; 2 e D. como lógica do provável; 3 D. como lógica; 4 e D. como síntese dos opostos. Esses quatro conceitos têm origem nas quatro doutrinas que mais influenciaram a história desse termo, mais precisamente a doutrina platônica, a aristotélica, a estoica e a hegeliana.

Tendo em vista os diversos conceitos apresentados, percebe-se que Hegel confere movimento aos conceitos universais e às essências anteriormente discutidas por filósofos antigos, isto é, trazendo à dialética um dinamismo, de forma mais precisa um movimento circular ou espiral e com um ritmo triádico (Reale; Antiseri, 2007, p. 100).

A propósito da temática, Ribeiro e Lima (2018, p. 87) afirmam que:

O conceito de dialética se mostra como um processo imanente constituído de três faces: face abstrata (do entendimento), face dialética (negativamente-racional) e a face especulativa (positivamente-racional), que apreende a unidade das determinações contrárias. No caso da noção dialética de experiência, diferente de outras filosofias, mostra-se como uma atividade imanente, intrínseca e necessária da consciência consigo mesma, isto é, sujeito, objeto e padrão de medida são interdependentes, tornando o processo de conhecimento mais próximo aos objetos e passível de crítica e revisão.

Ademais, conforme explicação de Abbagnano (2007), o processo dialético é constituído de uma tese que deve ser analisada e refutada, o que leva à percepção de dois olhares, ou duas teses em conflito. O autor leciona ainda que a dialética “[...] é um processo resultante do conflito ou da oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer [...]” (Abbagnano, 2007, p. 269), o que remonta ao pensamento hegeliano. Da mesma forma ensina Santos (2011, p. 88), que entende a dialética “[...] como desenvolvimento do conceito a partir de si mesmo, num avanço constante que não consistia apenas na afirmação de relações de diferença, mas no entendimento do universal presente nas coisas, mais propriamente no seu vir-a-ser.”

Toda a realidade move-se dialeticamente e, portanto, a filosofia hegeliana vê em toda parte tríades de teses, antítese e sínteses, nas quais a antítese representa a "negação", "o oposto" ou "outro" da tese, e a síntese constitui a unidade e, ao mesmo tempo, a certificação de ambas (Abbagnano, 2007, p. 273). Por esse viés, compreende-se então a Dialética hegeliana como um processo, um movimento circular, dado por três momentos que são indicados como tese, considerada como o momento abstrato ou intelectual, antítese, que corresponde ao

momento dialético ou negativamente racional, e síntese, que refere-se ao momento especulativo ou positivamente racional (Reale; Antiseri, 2007, p. 106).

Em consequência, compreende-se a tese como premissa inicial, que representa uma condição ou uma ideia específica. Em contrapartida, tem-se a antítese, que é considerada a negação ou a contradição da tese, o que gera um conflito com a condição inicial. Por fim, apresenta-se a síntese, que trata de uma nova condição ou ideia que preserva e eleva elementos da tese e da antítese, tendo em vista a criação de um novo estágio de desenvolvimento. Desse modo, a síntese é a responsável pela busca do equilíbrio entre os direitos individuais e a ordem social.

Além do acima exposto, Reale e Antiseri (2007, p. 107) apresentam que, no momento da tese, “[...] o intelecto como tal apresenta conhecimento inadequado, que permanece encerrado no finito [...], no abstrato cristalizado, e por conseguinte, torna-se vítima das oposições que ele próprio cria, distinguindo e separando”.

Entretanto, a antítese, também chamada de momento negativo ou dialético “[...], consiste em remover a rigidez do intelecto e seus produtos. Mas fluidificar os conceitos do intelecto comporta o esclarecimento de uma série de contradições e oposições [...] sufocadas no enrijecimento do intelecto” (Reale; Antiseri, 2007, p. 107).

Ressalta-se que extrair um conceito de sua rigidez abstrata requer um novo, que possui estreita ligação com o anterior. Por exemplo, o uno torna-se muitos, o igual, desigual e a coragem, medo, dentre tantos outros que se poderiam citar. Além disso, “[...] cada um desses conceitos dialeticamente considerados parece inclusive ‘transformar-se’ no próprio oposto e como que ‘dissolver-se’ nele” (Reale; Antiseri, 2007, p. 107).

Ademais, Hegel (2012, p. 135) considera que a Dialética

[...] é este ir-além *imanente*, em que a unilateralidade e a limitação das determinações do entendimento se apresenta como aquilo que ela é, saber, como a sua negação. Todo o finito é isto: suprimir-se a si mesmo. O [elemento] dialético forma, pois, a alma motriz do progresso científico e é o princípio mediante o qual unicamente a *conexão* e a *necessidade imanentes* penetram no conteúdo da ciência, da mesma maneira que nele reside em geral a elevação verdadeira, não extrínseca, sobre o finito.

Por conseguinte, compreende-se que tal processo de negação leva o ser-em-si a uma reflexão da ação em-si, sendo para isso a alma motriz de todo o procedimento dialético. Dessa forma, Reale e Antiseri (2007, p. 107) apresentam que

[...] o *negativo* que emerge do momento dialético, em geral, consiste na “falta” que cada um dos opostos revela quando se defronta com o outro. Mas é exatamente essa “falta” que se revela como mola que impele, para além da oposição, para uma síntese superior, que é o momento especulativo, ou seja, momento culminante do processo dialético.

Com base nisso, tem-se, então, a síntese, considerada como o momento especulativo ou positivamente racional, responsável pela captação da unidade entre os opostos, isto é, o positivo que surge a partir da resolução dos opostos.

Os autores ressaltam ainda, que:

Escreve Hegel: Em seu verdadeiro sentido, o elemento especulativo é aquilo que contém em si como superadas aquelas oposições nas quais se detém o intelecto (e, portanto, também a oposição entre subjetivo e objetivo), e justamente dessa forma mostra-se como concreto e como totalidade (Reale; Antiseri, 2007, p. 108).

Assim sendo, torna-se possível compreender que o método dialético de Hegel possibilita o pensamento do sujeito e do objeto unidos, preservando a diferença entre

ambos. Portanto, é pela contradição que ocorre a evolução do pensamento e, dessa forma, juntamente com ele, a realidade (Stein, 2002).

Por isso, considera-se a dialética como o processo através do qual, dada uma posição afirmativa (tese), surge uma contraposição ou negação, vale dizer, o momento em que a tese original é substituída por uma que lhe é inteiramente contrária (antítese) e de ambas é obtida uma superação (síntese) em que surge uma terceira perspectiva, é elevada a nova base, a qual soluciona o problema em questão de um ponto de vista mais alto, integrando aspectos tanto da tese quanto da antítese. Nesse sentido, apresenta-se o termo *aufhebung*, que possui três significados a saber: 1. conservar (por exemplo, um alimento, um documento), 2. suprimir (uma sessão, uma lei) e 3. suprassumir (elevar ao nível superior). Partindo disso, *aufhebung* possui os três significados que designam cada etapa da dialética hegeliana, sendo 1. conservar (tese - afirmação), 2. suprimir (antítese - negação) e 3. suprassumir (síntese - negação da negação) (Reale; Antiseri, 2007).

Desse modo, a ambivalência dessa palavra, que possui significado positivo e negativo, deve ser considerada como uma forma de reconhecer o espírito especulativo de nossa língua. Ou seja, o momento especulativo torna-se, então, o cume da razão, a dimensão absoluta.

Depreende-se, então, que, no processo dialético, não se rejeita uma ideia, uma filosofia, mas o novo pensamento apresenta o antigo como uma verdade parcial, passível de integração em uma nova síntese mais ampla e aprimorada (Borges, 2011). Desta forma, “[...] vê-se que a dialética é o único caminho para a busca do saber verdadeiro, que é o escopo da Ciência, pois ela evidencia o fato de que negar não significa excluir o negado [...]” (Silva, 2023, p. 25).

3 METODOLOGIA

O procedimento utilizado para a pesquisa em questão foi o de pesquisas bibliográficas de cunho exploratório. Neste sentido, de acordo com Vergara (2010, p. 43), compreende-se a pesquisa bibliográfica como “[...] o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

Além disso, ressalta-se o caráter exploratório que, de acordo com Gil (2002, p. 41), possui o intuito de “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Dessa forma, a utilidade da pesquisa bibliográfica exploratória se mostra pela necessidade de se levantar informações e esclarecer os conceitos a respeito dos estudos sobre a heurística do medo, de Hans Jonas e a Dialética de Hegel.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RELAÇÃO ENTRE HEURÍSTICA DO MEDO E A DIALÉTICA HEGELIANA

Tendo em vista o estudo até aqui feito, torna-se necessária uma compreensão mais aprofundada sobre a relação entre esses conceitos analisados, aparentemente tão distintos. De antemão, pode-se estabelecer certa concordância à medida em que se toma a antítese do processo dialético hegeliano, como uma negação ou um embate necessário à tese para que haja a superação ou mudança da mesma.

Em consequência disso, quando aplicamos a análise à heurística do medo, pode-se compreender o temor como a antítese do processo dialético, pois se trata da negação de uma postura arriscada. Ressalta-se que o medo surge partindo do pressuposto de uma percepção do homem com relação à consequência futura da ação realizada, principalmente as atitudes voltadas ao meio ambiente e às tecnologias, segundo Jonas.

Ademais, é pertinente destacar que Hegel, em seus escritos, discorre sobre a dialética do Senhor e do Escravo, na qual por medo da morte o Escravo se submete ao Senhor. Entretanto, por meio desse mesmo temor, é que no futuro o Escravo se torna também Senhor, conforme atesta o filósofo: “[...] o temor do Senhor é o começo da sabedoria” [...]. E ainda, “No *Senhor*, a consciência escrava tinha o seu ser-para-si como um Outro; no *Medo*, seu para-si já estava presente nela; porém é na formação que o para-si se torna seu próprio ser para ela: é consciência de ser-em-si e para-si” (Meneses, 1985, p. 62).

No trecho supracitado, Hegel descreve a Dialética do Senhor e do Escravo, demonstrando a importância do medo no processo de construção da consciência em-si e para-si. Pode-se observar ainda, segundo Meneses (1985, p. 63) que,

Foram indispensáveis, para chegar até lá, os dois momentos: sem a disciplina do medo e obediência e sem a atividade formadora, nem se abrange toda a realidade do ser, nem se atinge a consciência-de-si. Se não experimentar ‘o medo primordial absoluto’, sua operação formadora não pode lhe trazer a consciência de si mesma como essência, porque não ficou com toda a substância contaminada pela negatividade.

Dessa forma, o homem amparado pelo medo, é levado a possuir em-si a consciência, que o leva a reflexão de suas atitudes, ou seja, diferentemente dos animais, o ser humano possui a capacidade de antecipar os resultados de suas ações, pois tem a aptidão de buscar e escolher caminhos para alcançar certa finalidade (Konder, 1998), portanto o homem possui em seu intelecto a moção para refletir suas ações e principalmente as suas consequências futuras.

Neste ponto pode-se tomar por exemplo, uma ação realizada de forma imediata sem refletir o impacto real futuro, um desmatamento ou como os casos atuais as queimadas ocorridas no ano de 2024 em várias partes do mundo. Desse modo, tal atitude é considerada a tese do processo dialético, em contrapartida, o medo do que isso poderá gerar no futuro, o aquecimento global, é considerado então a antítese do processo.

Nesse sentido, o medo, funciona como um fator de alerta, isto é, uma negação da ação para reduzir os riscos futuros e reconsiderar possíveis danos futuros. Assim sendo, o medo torna-se um controlador ou um motor que leva à reflexão das ações, tendo em vista suas possíveis catástrofes.

À vista disso, Meneses (1985, p. 19), apresenta que “O negativo em geral é isso: a não-igualdade, ou a diferença, que se manifesta na consciência entre o eu e a substância, que é seu objeto. O negativo pode ser encarado como uma falha de ambos; porém é na verdade a alma e o motor dos dois”, é a partir do negativo que toma-se a consciência do risco que se corre, levando-o a uma mudança da ação a ser realizada.

Além disso, Jonas apresenta a importância da negação para a compreensão e o auxílio na previsão de situações correntes da vida humana.

[...] como saberíamos sobre a sacralidade da vida caso não houvesse assassinatos e o mandamento “não matarás” revelasse essa sacralidade, e não saberíamos o valor da verdade se não houvesse a mentira, nem o da liberdade sem a sua ausência, e assim por diante (Jonas, 2006, p. 70).

Entretanto, a partir disso, o filósofo afirma ainda que é muito mais fácil o reconhecimento do mal do que do bem, isto é, o mal se coloca, ao passo que o bem se mascara diante das ações do dia-a-dia.

Pois assim se dão as coisas conosco: o reconhecimento do *malum* é infinitamente mais fácil que o do *bonum*; é mais imediato, mais urgente, bem menos exposto a diferenças de opinião; acima de tudo, ele não é procurado: o mal nos impõe a sua simples presença, enquanto o bem pode ficar discretamente ali e continuar desconhecido, destituído de reflexão. Não duvidamos do mal quando com ele nos deparamos; mas só temos a certeza do bem, no mais das vezes, quando dele nos desviamos (Jonas, 2006, p. 71).

Desse modo, pode-se perceber que o medo traz a tona grande importância à mudança de atitude, isto é, dentro de um processo dialético, quando insere-se o medo, temos a antítese, ou seja, quando se insere o medo de algo mau a uma ação, precisamente essa ação poderá ser mudada ou repensada, de modo a evitar-se a consequência ruim. Assim sendo, Jonas (2006, p. 71) ainda ressalta que devido a essa questão, “[...] para investigar o que realmente valorizamos, a filosofia moral tem de consultar o nosso medo antes do nosso desejo”. Ou seja, o desejo como tese, não leva o homem a nenhum lugar, mas contradito com a sua negação, o medo, o homem é impulsionado a prosseguir de forma um tanto mais assertiva que antes.

Isto posto, pode-se perceber que a Dialética hegeliana não para na antítese. Aqui é possível entender que o conflito gerado entre a tese e a antítese é resolvido por meio da síntese que, como apresentado, é a superação desse embate, ou seja, a negação da negação, o que faz gerar uma nova realidade, uma nova estratégia de ação. Destarte, na heurística do medo a síntese aparece quando o medo, ao negar a ideia inicial leva o homem a agir de forma mais cautelosa e responsável. Então, com base nessa percepção, a síntese vem a ser esta nova ética de ação, onde o cuidado com o futuro torna-se o plano central da ação.

À vista disso, o filósofo apresenta a necessidade da imaginação para prever certas hipóteses negativas para contradizer com a ação inicial, não tendo a consequência como certeza, mas como possibilidade.

É à luz do “então”, que se apresenta à imaginação com possibilidade, como conteúdo e não como certeza, que pela primeira vez os princípios da moral, até ali desconhecidos, porque antes desnecessários, podem tornar-se visíveis. Aqui, a simples possibilidade fornece a necessidade, e a reflexão sobre o possível, plenamente desenvolvida na imaginação, oferece o acesso à nova verdade (Jonas, 2006, p. 74).

De acordo com este ponto, o autor retrata que mesmo não sabendo e não conhecendo a consequência do ato, é necessário que se utilize da imaginação para a geração do

medo e para que haja a contraposição, ou a antítese no processo, de modo a gerar uma nova ação consciente e segura, tendo em vista principalmente a continuidade da vida humana na terra. Isto é, a síntese não é apenas uma substituição do medo por outro sentimento, mas sim o elemento responsável pela transformação do comportamento humano.

Por fim, não se trata o medo como um mero sentimento, mas, um elemento dialético responsável por forçar a reflexão de um pensamento inicial (tese) levando-o a uma nova concepção suprasumida (síntese), contribuindo para sua eventual superação, ou seja, transformada em uma ação refletida e pensada, carregando os elementos necessários para um avanço tecnológico sustentável e responsável.

Assim sendo, considera-se que a heurística do medo, torna-se a principal responsável por uma ação assertiva, a síntese do processo dialético. Ressalta-se que neste ponto, haverá uma superação (*Aufhebung*), ou seja, há a preservação de parte da ideia inicial, nem tudo se perde, mantém-se o que há de válido na tese e na antítese, entretanto ocorre a elevação dessas ideias ou ações, desenvolvendo então a um novo patamar, o que pode ser comparado ao processo de desenvolver uma ética baseada no medo das consequências futuras.

Diante disso, pode-se perceber que o processo dialético não para na antítese, mas tem em si a necessidade de gerar uma síntese do embate da tese e da antítese, isto é, levando-o à superação das contradições gerando uma nova realidade. Assim sendo na heurística do medo, essa síntese ocorre quando o medo, ao negar a postura inicial inconsequente, leva o ser humano a agir de forma mais cautelosa e responsável. A síntese, nesse contexto, é uma nova ética de ação, onde o cuidado com o futuro se torna central.

Ademais, tal postura conduz o homem a decisões mais prudentes no presente, com práticas e ações que levam em consideração a preservação da vida humana na Terra, garantindo a vida futura, além disso, gera também uma responsabilidade integral, consciente e sustentável.

Em suma, a síntese aqui não é a simples substituição do medo por outra emoção, mas a transformação do comportamento humano, de modo que o medo das consequências se converte em um guia para ações que busquem preservar a vida e o planeta.

Partindo então dessa ideia, retorna-se a compreensão do medo por Jonas, que apresenta-o como um agente de transformação ativa da ação, não como um sentimento paralisante do ser, mas que leva o homem a refletir e reconfigurar suas ações. Assim sendo, tal dinâmica se alinha com o conceito de dialética apresentado por Hegel, onde a antítese (no caso, o medo) desafia a tese (a ação inconsequente) e leva a uma síntese mais avançada, que incorpora uma nova compreensão do mundo.

Nesse sentido, esse processo dialético, quando aplicado à heurística do medo, permite observar o medo como um agente dinâmico que reorienta as escolhas humanas. Assim como a dialética de Hegel não encerra no conflito, mas progride em uma espiral de evolução, a heurística do medo sugere que, a cada nova crise ou desafio ético, o medo possa desencadear novos comportamentos que levem a uma síntese mais ética e sustentável, isto é, uma ação responsável.

4.2 IMPORTÂNCIA DO MEDO DENTRO DO PROCESSO DIALÉTICO PARA A TOMADA DE CONSCIÊNCIA E MUDANÇA DO PENSAMENTO ÉTICO

O medo possui uma dimensão profunda e transformadora, quando analisado na perspectiva da dialética e da ética, entretanto, muitas vezes acredita-se que seja apenas uma simples resposta intuitiva e emocional a ameaças e riscos. Desse modo, pode-se compreender que segundo Jonas (2006) o medo possui um caráter pedagógico fundamental, que funciona como um alerta para os riscos futuros e, com isso, guia o homem a comportamentos responsáveis e com soluções mais prudentes. Com isso, o temor vai além de uma ação imediata, ele aparece como uma força motriz que questiona e desafia posturas iniciais, assim como a antítese no processo dialético hegeliano, que questiona a tese e provoca uma mudança necessária.

Outrossim, Jonas (2006) aponta que diferentemente do medo apresentado por Hobbes como ponto de partida para a moral, um medo patológico, que tem influência direta e imediata ao homem, o temor descrito por ele vai além, pois deve-se temer o que ainda está por vir, algo não concreto e que não possui ligação direta com a pessoa que gera tal ação. Assim sendo,

O destino imaginado dos homens futuros, para não falar daquele do planeta, que não afeta nem a mim ou do convívio direto, não exerce mesma influência sobre o nosso ânimo; no entanto, ele o “devia” fazer, isto é, nós devíamos conceder-lhe essa influência. Portanto, aqui não se pode tratar, como em Hobbes, de um temor do tipo “patológico” [...], que nos acomete de forma súbita diante do seu objeto, e sim de um temor do tipo espiritual, que como resultado de uma atitude deliberada, é nossa própria obra. A adoção dessa atitude, ou seja, a disposição para se deixar afetar pela salvação ou pela desgraça (ainda que só imaginada) das gerações vindouras é o segundo dever “introdutório” da ética almejada, após o primeiro, que é o de, acima de tudo, produzir tal pensamento (Jonas, 2006, p. 72).

Ou seja, a sociedade deve se deixar interpelar pelo medo pois, ao trazer essa ideia para o contexto ético, é possível estabelecer que o medo age como um fator crítico para a reflexão e reformulação de ações. Ele se apresenta como uma negação às posturas inconsequentes, forçando uma reconsideração que visa à preservação de um futuro mais sustentável. Como Konder (2003) e Meneses (1985), afirmam quando tratam sobre a dialética do ser, que o medo é crucial para a formação da consciência, pois permite que o homem não apenas perceba os riscos, mas também adote comportamentos transformadores, o que também pode ser observado na dialética do Senhor e do Escravo exposto por Hegel (1992).

Com base no exposto, pode-se exemplificar que o medo de catástrofes ambientais, como mudanças climáticas e destruição de ecossistemas, tem levado a humanidade a repensar suas práticas e implementar políticas públicas voltadas à sustentabilidade. Neste caso, o medo funciona como o primeiro passo para a criação de uma nova consciência ética que orienta ações responsáveis.

No processo de tomada de consciência, o medo atua como um “despertador” que leva à conscientização ativa e profunda de uma ação que tem em vista o bem futuro. Diferente de uma simples percepção passiva, onde o indivíduo observa, mas não age, a conscientização ativa motivada pelo medo implica um reconhecimento dos riscos que obriga à ação. Segundo Jonas (2006), o medo deve preceder o desejo nas tomadas de decisão, sendo consultado antes como uma forma de orientação ética que tem em vista a preservação da vida e o bem-estar futuro.

Além disso, Jonas (2006) chama a atenção para a reciprocidade, que não se deve pensá-la, pois aparentemente as atitudes responsáveis terão como objetivo um futuro desconhecido. Em virtude disso,

[...] a ética almejada lida exatamente com o que ainda não existe, e o seu princípio de responsabilidade tem de ser independente tanto da ideia de um direito quanto da ideia de uma reciprocidade — de tal modo que não caiba fazer-se a pergunta brincalhona, inventada em virtude daquela ética (*ética Kantiana*), “O que o futuro já fez por mim? Será que ele respeita meus direitos?” (Jonas, 2006, p. 89, grifo nosso).

A luz desse fato, a conscientização acontecerá quando o medo se tornar um impulsionador para a reflexão crítica. Em outras palavras, ao antecipar possíveis situações negativas, o medo orienta o indivíduo ou o grupo de indivíduos a reavaliar suas práticas, ponderando os custos e benefícios de suas escolhas para o bem futuro. Por exemplo, ao enfrentar o medo do colapso ecológico, países e organizações adotam práticas mais sustentáveis e legislações ambientais que visam a mitigar os riscos, demonstrando que o medo, quando canalizado corretamente, pode gerar um movimento positivo em direção a uma nova ética coletiva.

A vista disso, tem-se como exemplo, a passagem do Furacão Milton pela Flórida - EUA, em 9 de outubro de 2024, que de acordo com a nota técnica emitida pelo IPA - Instituto Agrônomo Pernambucano, conforme descrito abaixo, milhares de pessoas receberam ordens para saírem de suas casas, pois tal evento seria de grande magnitude, ou seja, houve um grande medo e as pessoas refletiram dialeticamente e decidiram então pela evacuação.

Mais de 1 milhão de pessoas receberam ordens de evacuação. Segundo reportagem da CLIMAINFO “esta será a primeira tempestade a atingir a região em mais de um século” em uma região pouco acostumada com esse tipo de episódio, dessa magnitude (Lacerda, 2024, p. 1).

Assim, se observa que uma ação responsável foi respeitada e realizada. Ou seja, no processo dialético, o medo, como antítese, expõe e desafia as contradições éticas ocorrentes nas ações humanas. Da mesma forma como a antítese é responsável por questionar a tese de modo a revelar suas fragilidades, o medo abarca as falhas éticas em práticas irresponsáveis, determinando uma revisão das posturas adotadas. Salienta-se a diferenciação entre o medo paralisante, que impede a ação, e o medo transformador, que é agente das mudanças e adaptações.

Consequentemente, Jonas (2006) destaca que é esse medo transformador que move o processo dialético ético para frente, da mesma forma que utilizando-o como antítese do processo dialético, gera mudança de atitude, pois é ele que traz à tona as inconsistências e leva à necessidade de superação. Hegel (1992), ao explorar a dialética do Senhor e do Escravo, apresenta que o medo é um fator importante para o desenvolvimento da consciência, pois é o temor que faz o escravo se submeter, em contrapartida, é o mesmo medo que eventualmente leva à sua libertação e transformação. Ou seja,

A consciência que antes mantinha frente ao objeto uma atitude negativa e temerosa (por ver no ser-outro uma ameaça, contra a qual procurava manter sua liberdade, às custas do mundo e de sua própria singularidade, que manifestaram como negação de sua essência), agora toma uma atitude positiva, uma vez que sabe que toda realidade é ela mesma; seu pensamento é que é a realidade efetiva (Meneses, 1985, p. 78).

Além disso, pode-se aplicar tal ideia à ética contemporânea, por exemplo no caso do medo da pandemia, que levou toda a população a analisar e reavaliar as práticas de

higiene, os cuidados sanitários e as políticas de saúde pública, tendo como resultado um avanço ético que visa a preservação da vida.

Por esse viés, ao inserir o medo como um elemento central no processo dialético, constrói-se uma nova ética que busca integrar responsabilidade e prudência. Quando ao confrontar a tese, que na maioria dos casos se apresenta por meio de ações inconsequentes e imediatistas, o medo cria uma abertura para que uma nova síntese ética se estabeleça, de modo que esteja baseada na consideração das consequências futuras. Assim sendo, esta síntese não será uma solução intermediária, mas uma superação dialética que eleva o comportamento do homem a um nível mais consciente e responsável.

Desse modo, Jonas (2006, p. 352) afirma que “A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna ‘preocupação’ quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade”, assim sendo, torna-se necessário essa mudança de comportamento para uma atitude responsável.

Neste contexto, a dialética hegeliana contribui com a compreensão de como o medo, ao se opor à tese, gera uma antítese que, por sua vez, leva à construção de uma nova síntese. Esta por sua vez, é caracterizada como uma nova ética, que considera os efeitos da ação a longo prazo e busca a harmonia entre o progresso e a sustentabilidade. Com esta base, o medo, por meio da *Aufhebung* (elevação), auxilia na integração e superação da tese e da antítese, preservando os elementos importantes e elevando-os a um novo patamar.

Outro exemplo importante para a mudança de conduta ética, é o medo dos impactos na utilização de bens minerais, combustíveis fósseis e bens energéticos. O medo de um futuro ambientalmente insustentável, tem gerado esforços globais na busca de alternativas energéticas limpas, tais como a utilização da energia solar, eólica, carros e energia sustentável, o que promove uma síntese ética que valoriza o equilíbrio entre o desenvolvimento e a proteção ambiental.

Assim sendo, o medo analisado no contexto dialético, apresenta ser mais do que uma resposta emocional, mas na verdade, torna-se um princípio estruturante e orientador da ação ética. O medo então, na dialética hegeliana como antítese, funciona como um motor responsável pela condução de uma revisão e a transformação constante das escolhas humanas, o que permite a construção de uma ética cada vez mais adaptável e evolutiva.

Com isso, ao sintetizar as funções do medo no processo de conscientização e mudança ética, pode-se perceber que esse, quando observado e consultado antes do desejo, orienta o homem a agir com prudência e responsabilidade, sempre em busca da preservação futura da vida na Terra. No processo dialético, o medo impulsiona o indivíduo e a sociedade a revisar e reavaliar suas práticas, criando uma ética que não é fixa, mas que evolui conforme os desafios e as novas realidades surgem.

Por fim, o medo, entendido como uma força dialética, revela-se fundamental para a construção de uma nova ética de ação. Ele não apenas paralisa, mas guia, questiona e transforma, permitindo que o ser humano construa uma sociedade mais justa, responsável e consciente, alinhando-se às necessidades éticas contemporâneas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender como o medo poderia ser um balizador das atitudes humanas, colocando-o como antítese no processo dialético hegeliano, culminando em uma mudança da consciência ética. A partir disso pode-se perceber que o medo, distante de um mero sentimento paralisante, possui grande influência na mudança comportamental, principalmente agindo como antítese, que gera um embate com a tese, ação primária, gerando então uma síntese com uma nova ética ou modelo ético.

Ressalta-se que o processo dialético hegeliano insere movimento nas atitudes, elevando a tese e a antítese a uma ação transformadora e responsável. Isto é, o medo inserido nesse processo, auxilia o homem a reconsiderar suas ações baseado nas consequências futuras de seus atos, conduzindo a um cuidado com o meio ambiente e as tecnologias, principalmente.

Em vista disso, o estudo proporcionou uma compreensão de que o medo pode ser uma ferramenta essencial para esse processo de mudança do comportamento ético/moral, principalmente por ser esse agente que contradiz, ou seja, nega a ação inicial. Outrossim, torna-se um processo que impulsiona o homem a refletir suas atitudes e fomentar uma prática mais consciente de suas ações, especialmente em tempos de tantas mudanças tecnológicas e ambientais.

Diante do exposto, pode-se perceber que o medo é apenas um meio, tendo-se ainda inúmeros fatores que devem ser observados para a mudança comportamental, entretanto, esse torna-se um grande aliado nessa transformação ética/moral, o que auxilia de maneira ampla o homem a permanecer presente na Terra por longos anos.

Em suma, a heurística do medo e a dialética hegeliana podem estar aliadas, sugerindo um caminho promissor no desenvolvimento de uma ética responsável que busque valorizar a vida e o planeta, o que demonstra a importância do medo como balizador para um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <<https://www.docs.google.com/file/d/0B-f2IWjUB2ejaFdWOVIYRnBTNHFLV3N1Q2dtVjZBQQ/edit?pli=1&resourcekey=0-LMnb21MyXV1Z-4-JreavGA>>. Acesso em: 17 maio 2024.

BATTESTIN, Cláudia; GHIGGI, Gomercindo. O princípio responsabilidade de Hans Jonas: um princípio Ético para os novos tempos. **Thaumazein: Revista Online de Filosofia**, Ano III, número 06, Santa Maria. Out. de 2010. p. 69-85. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/164>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

BATTESTIN, Cláudia; NOGARO, Arnaldo. Educar para a Prudência: convergências com a heurística do temor. **Textos & Contextos**, Porto Alegre/RS, v. 16, n.1, p. 205 - 214, jan./jul, 2017. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/23568/15752>>.

Acesso em: 02 abr. 2024.

BAUMAN, Zigmund. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Célia de Oliveira. "Textos de Hegel: Dialética Hegeliana." **Universidade Federal do Amapá**, 2011. Disponível em:
<<https://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Textos-de-Hegel-Dial%C3%A9tica-Hegeliana.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

CALANDRIN, Karina Stange. Porque o medo importa: uma análise do papel do medo hobbesiano na política de defesa israelense. **Conjuntura Global**, vol. 5 n. 3, set./dez, 2016, p. 586 – 598. Disponível em:
<<https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/download/50547/31593>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não se desespere!:** provocações filosóficas. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FROGNEUX, Nathalie. O medo como virtude de substituição. **Artepensamento: ensaios filosóficos e políticos**, 2007. Disponível em:
<<https://artepensamento.ims.com.br/item/o-medo-como-virtude-de-substituicao>>. Acesso em 20 jun. 2024.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. pt.1

_____. **Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome**. Tradução de Artur Morão. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2012.

HEURÍSTICA [S. l.], 09 ago. 2024. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/heuristica/>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: ContraPonto/PUC-Rio, 2006.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 23).

LACERDA, Francis. "Furacão Milton: Potência e rapidez surpreendem os meteorologistas e assustam autoridades." *Nota Técnica 7, Instituto de Pesquisa e Aplicação (IPA)*, 30 de setembro de 2024. Disponível em: <https://site.ipa.br/wp-content/uploads/2024/10/Nota-te%CC%81cnica7_IPA_2024_30092024.pdf>. Acesso em: 15 out 2024.

MEDOS. [S. l.], 27 jun. 2024. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/medos/>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MENDES, Fábio Raniere da Silva. Conhecendo a filosofia de Hans Jonas. **Razão e Fé**, Pelotas, 2010, v. 12, n. 28-34, Jul.-Dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/download/2602/1535/8408>>. Acesso em: 27 maio 2024.

MENESES, Paulo. **Para ler a fenomenologia do espírito**. São Paulo: Loyola, 1985. v. 1.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Kant. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 2, cap. 10, p. 859-932.

_____. **História da filosofia**: do romantismo ao empiriocriticismo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 2, cap. 6, p. 95-147.

RIBEIRO, Sthefan Bruno Machado; LIMA, Erick Calheiros de. O conceito de dialética e a noção de experiência para G.W.F. Hegel (1770 – 1831). **Polemos**, v. 07, ed. 14, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/download/22070/21132/43891>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Paula Regina Farias dos. Hegel e a dialética como movimento necessário no interior da arte. **Contradictio**, v. 3, ed. 1, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/contradictio/article/download/22815/14975#:~:text=NECESS%C3%81RIO%20NO%20INTERIOR%20DA%20ARTE,-Paula%20Regina%20Farias&text=Hegel%2C%20dessa%20forma%2C%20entende%20a,sua%20efetividade%20entendida%20como%20verdade>>. Acesso em: 17 maio. 2024.

SÈVE, Bernard. O medo como procedimento heurístico e como instrumento de persuasão em Hans Jonas. **Artepensamento: ensaios filosóficos e políticos**, 2007. Disponível em: <<https://artepensamento.ims.com.br/item/o-medo-como-procedimento-heuristico-e-como-instrumento-de-persuasao-em-hans-jonas/#:~:text=O%20medo%20como%20procedimento%20heur%C3%ADstico%20e%20como%20instrumento%20de%20persuas%C3%A3o%20em%20Hans%20Jonas,-por%20Bernard%20S%C3%A8ve>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SILVA, Robson Caixeta. A Dialética do Espírito e o cogitamus: uma conexão dos conceitos de dialética e espírito no pensamento de Hegel e Bachelard. **Revistaft**, v. 27, ed. 126, 15 set. 2023. DOI 10.5281/zenodo.8350055. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-dialetica-do-espirito-e-o-cogitamus-uma-conexao-dos-conceitos-de-dialetica-e-espirito-no-pensamento-de-hegel-e-bachelard/>. Acesso em: 17 maio 2024.

SPINIELI, André Luiz Pereira. O conceito de dialética na filosofia hegeliana: a síntese dos opostos e a busca pela liberdade. *In*: Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Universitária Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. IV. 2019. São Paulo. **Anais Eletrônicos**. p. 317 - 332. Disponível em <<http://izabelahendrix.edu.br/pesquisa/anais/arquivos2019/ciencias-humanas/o-conceito-de-dialetica-na-filosofia-hegeliana-a-sintese-dos-opostos-e-a-busca-pela-liberdade-pag-317-332.pdf>>. Acesso em: 05 set 2024.

STEIN, Sofia Inês Albornoz. O movimento dialético do conceito em Hegel: uma reflexão sobre a ciência da lógica. **PHILÓSOPHOS**, p. 73-86, 1 jun. 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/3161/3165>>. Acesso em: 10 maio 2024.

SUSIN, Fernanda Prux. **Heurística do temor**: técnica e responsabilidade em Hans Jonas / Fernanda Prux Susin. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/3318#:~:text=O%20segundo%20cap%C3%ADtulo%20privilegiar%C3%A1%20a,hip%C3%B3teses%20C%20previs%C3%B5es%20cient%C3%ADficas%20e%20imag%C3%A9ticas>>. Acesso em: 12 maio 2023.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.